

## **Vozes de Tchernóbil: um relato Jornalístico-Literário do maior desastre nuclear da história<sup>1</sup>**

Mariana Frezza COSSA<sup>2</sup>

Lucelia Fatima NARDI DOS SANTOS<sup>3</sup>

Celer Faculdades, Xaxim, SC

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo constatar a relevância do jornalismo literário no registro de memórias na catástrofe de Chernobyl pelo livro “Vozes de Tchernóbil” da autora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, ganhadora do prêmio Nobel de Literatura 2015. Investigamos o processo de produção do livro, bem como das entrevistas presentes. Baseado nuclearmente em “Vozes de Tchernóbil” o trabalho fundamenta-se em pesquisas de autores que discorrem sobre jornalismo literário e livros-reportagem, como PENA (2006), BELO (2006) e MARTINEZ (2009). A problemática que incitou a escolha do tema envolve a insuficiência de registros humanizados sobre o acidente de Chernobyl, de 1986, e a falta de reconhecimento de Aleksievitch no cenário jornalístico. A matriz metodológica baseia-se em pesquisa bibliográfica, usando de reportagens, artigos, notícias e livros relacionados à temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chernobyl; jornalismo literário; investigação jornalística.

### **Introdução**

Quando há a pergunta “Como fazer jornalismo?” é quase que instantânea a resposta: ser claro, objetivo, imparcial e principalmente, verídico. Pensando assim, o jornalismo não pode estar ligado à ficção, dado que não há espaço para ser subjetivo em um mundo onde a principal ferramenta é a objetividade. Contudo, existe uma brecha aos jornalistas mais engajados às histórias literárias, e ainda factuais, que é o jornalismo literário. Martinez (2009), em seu artigo “Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada” define Jornalismo Literário por “Um gênero fronteiroço, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito” (p. 71).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior – IJ06, Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo, Celer Faculdades, Xaxim – SC, e-mail: [mariana.cossa@gmail.com](mailto:mariana.cossa@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Orientadora, Mestre em Estudos Linguísticos, professora da Celer Faculdades, Xaxim – SC, e-mail: [lucelia@celer.edu.br](mailto:lucelia@celer.edu.br)

Já para Pena (2006), jornalismo literário seria como uma melodia intrínseca entre dois gêneros diferentes que se transforma em um terceiro gênero.

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativas em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006, p.21).

Em ambos os casos o jornalismo literário é um gênero à parte e tem como função contar histórias intercalando entre o factual e o literário, o que dá origem aos livros-reportagem. Segundo Belo (2006), em um livro-reportagem há mais espaço para ser original e criativo, diferentemente de outras mídias.

Por não ser tão imediatista quanto a cobertura midiática, o livro-reportagem normalmente abre mais espaço para abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas. Biografias, temas históricos, perfis, memórias e relatos de grandes acontecimentos (guerras, revoluções, movimentos populares, convulsões sociais, crimes de grande repercussão) são os temas naturais desse tipo de publicação. Mas há outros. Muitos outros (BELO, 2006, p.42).

Nem todo livro-reportagem é jornalismo literário, e o contrário também se aplica, porém, no presente artigo iremos tratar de um livro-reportagem concebido fundamentalmente do jornalismo literário, o livro “Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear” da autora bielorrussa Svetlana Aleksievitch. Por meio da análise do livro será possível entender o sentido do tema da pesquisa que é compreender a relevância do jornalismo literário no registro de memórias na catástrofe de Chernobyl<sup>4</sup> pelo livro de Aleksievitch<sup>5</sup>.

A problemática que concebe o tema do trabalho está ligada à escassez de registros das vítimas da maior tragédia radioativa de todos os tempos, na cidade de Chernobyl, Ucrânia, no ano de 1986. Os incontáveis registros científicos, notícias e reportagens feitas envolta do acidente não foram suficientes para extrair o sofrimento real das vítimas, por tratarem as mesmas como números, os mesmos nem sempre exatos, se forem considerar as pessoas que morreram por serem atingidas diretamente pela radiação, ou anos depois. Sendo assim, o objetivo central da pesquisa é caracterizar os aspectos do jornalismo literário e sua relevância social no acidente, contextualizado através do livro “Vozes de Tchernóbil” e, por meio dele, examinar as características do processo de produção e investigação de Aleksievitch para a

---

<sup>4</sup> Uma breve explicação s sobre a Catástrofe de Chernobyl é desenvolvida no presente trabalho no tópico 1.1 em 1 História.

<sup>5</sup> A biografia da autora é apresentada no presente artigo no tópico 1.2 em 1 História.

construção do livro e constatar tal relevância.

A jornalista em um dos primeiros capítulos de seu livro nomeado “Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia nossa visão de mundo” enfatiza um dos papéis principais de seu registro.

Este livro não é sobre Tchernóbil, mas sobre o mundo Tchernóbil. Sobre o evento propriamente já foram escritos milhares de páginas e filmados centenas de milhares de metros em película. Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos da cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns. Aqui, no entanto, nada é ordinário: nem as circunstâncias, nem as pessoas [...] (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 40).

Portanto, assim como nossa autora, o presente artigo não tratará de fatos científicos do acidente, nem de estatísticas e problemas de áreas das ciências naturais e exatas, mas sim dos registros por ela escritos de relatos de pessoas, de forma humana, não científica, sem deixar de ser factual.

As motivações para a escolha do tema vão da curiosidade ao interesse profissional. É evidente a quantia de assuntos interessantes que envolvem Chernobyl, portanto, a descoberta de um registro feito por uma jornalista, mulher, de uma forma mais humana, desperta ainda mais a curiosidade de uma futura jornalista. Por Aleksievitch ser uma jornalista e vencedora do prêmio mais renomado da literatura, o prêmio Nobel, de 2015, a análise de uma de suas principais obras pode levar ao entendimento dos “como” e “porquês” ela chegou até essa posição tão desejada e ainda mais difícil para obras não fictícias. Levar o conhecimento dessa obra tão importante para o jornalismo literário, ainda não reconhecida devidamente pelo cenário jornalístico, é a maior motivação da presente pesquisa.

A metodologia utilizada consiste em pesquisa bibliográfica principalmente extraída de livros, artigos, notícias e reportagens. Por meio do embasamento científico será possível propor considerações sobre a escrita do livro, o gênero textual e a coleta de dados. O conhecimento empírico, portanto, será de importância para a originalidade da pesquisa, visto que cada trabalho deve ter sua linha de raciocínio próprio.

## **1 História**

### **1.1 A Catástrofe**

No ano de 2016 o acidente de Chernobyl, ainda considerado a pior tragédia nuclear da história, completou três décadas. No dia 26 de abril de 1986, uma explosão no reator da Usina Nuclear da cidade de Chernobyl contaminou áreas da Ucrânia, Bielorrússia e Rússia com substâncias radioativas. Suguimoto&Castilho (2014) citam o exato momento do primeiro vestígio da explosão, “Ouve-se um primeiro estrondo, era o vapor destruindo o reator, uma explosão hidráulica fazendo com que a tampa de contenção que pesava 700 t. fosse levantada, que na sua queda destruiu boa parte do prédio” (p. 322). De acordo com os autores, a explosão liberou toda a radioatividade contida no interior do reator, materiais como: plutônio, céσιο, estrôncio urânio e grafite, altamente contaminados foram ejetados para fora da usina. Segundo o Greenpeace<sup>6</sup> (2011) “O grafite que revestia o reator pegou fogo e queimou por nove dias, liberando cem vezes mais radiação na atmosfera do que as bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki” (online, 2011)

Os habitantes da cidade de Pripjat, aproximadamente 49 mil, fundada principalmente para trabalhadores da usina, tinham medo de sair de suas casas no primeiro momento, idosos chegavam a se recusar a entrar nos ônibus de recrutamento. Todavia, tal medida de evacuação somente foi tomada trinta horas após o acidente, juntamente com a distribuição de pílulas de iodo.

De acordo com o documentário “O desastre de Chernobyl” produzido pelo Discovery Chanel somente após trinta horas do ocorrido as medidas de precaução foram tomadas para os habitantes, como a distribuição de pílulas de iodo e a evacuação em massa. [...] A evacuação aconteceu sem nenhum tipo de desespero, mas não foram sem recusa, uma vez que muitos moradores em alguns locais convocaram assembleias para evitar a saída das pessoas. Alguns idosos não acreditavam em um inimigo invisível, chegavam a esconder-se em porões e quando achados pelos militares ficaram aos prantos por ter que abandonar suas terras (SUGUIMOTO&CASTILHO, 2014, p. 323).

A cidade de Chernobyl, que possuía mais habitantes, só foi totalmente evacuada no dia 27 de abril. Sobre as vítimas, a Revista Exame (2015) traz a contagem oficial pelo Comitê Científico das Nações Unidas sobre os Efeitos das Radiações Atômicas (UNSCEAR), que somente reconhece a morte dos 31 bombeiros e operadores que foram afetados pela radiação diretamente na limpeza do reator. Já a ONG Greenpeace estima que aproximadamente 100

---

<sup>6</sup> GREENPEACE. **Vítimas de Chernobyl**. Março, 2011. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/vitimas-de-chernobyl/blog/33819/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

mil mortes de vítimas contaminadas, dentre eles os “liquidadores”<sup>7</sup>. De acordo com a nota histórica presente no início de “Vozes de Tchernóbil”, “só na lista da Bielorrússia contam-se 115 493 liquidadores, dos quais 8 553 morreram entre 1990 e 2003, segundo dados do Ministério da Saúde. Quase duas pessoas por dia” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 13).

Mesmo não se confirmando o número exato de mortes causadas pela contaminação direta ou indireta da radiação, foram essas pessoas que evitaram uma tragédia muito maior do que a ocorrida. Se o incêndio não fosse contido o número de vítimas poderia ter sido de centenas para milhões. Aleksievitch, em seu livro, conta a história de tais pessoas, seus relatos, e lhes dá espaço para se mostrarem os verdadeiros heróis dessa tragédia sem precedentes.

## 1.2 Autora

Svetlana Aleksandrovna Aleksievitch nasceu em 31 de maio de 1948 na cidade de Ivano-Frankivsk, na Ucrânia, mas foi criada na Bielorrússia por seus pais, ambos professores. Formou-se em jornalismo no ano de 1972 na Universidade de Minsk, e logo após a graduação começou a trabalhar em um jornal local. Desde os tempos de escola escrevia poesias e artigos para o jornal escolar. Em seu primeiro livro escrito “A guerra não tem rosto de mulher” (1985) inaugurou o estilo literário presente em todas as suas obras, a união entre jornalismo e literatura, em que recolhe testemunhos e tenta aproximá-los ao leitor. Seus livros foram traduzidos para o português e publicados no Brasil somente no ano de 2016 pela editora Companhia de Letras. Figes (2016), em um artigo para Revista Piauí, descreve um pouco da obra de estreia de Aleksievitch.

Seu primeiro livro, *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher* (1985), traz monólogos femininos. São militares, médicas, enfermeiras, *partisans*, mães, esposas, viúvas – mulheres envolvidas na Grande Guerra Patriótica de 1941 a 1945. Suas histórias de sacrifício e coragem misturam-se a relatos mais sombrios de sofrimento, medo e caos que derrubam os mitos da propaganda soviética. Lançada em 1985, a obra vendeu 2 milhões de exemplares nos anos da *perestroika* (FIGES, online, 2016).

---

<sup>7</sup>A limpeza do desastre ficou por conta dos liquidadores, um apelido dado às pessoas que trabalharam em qualquer função relacionada à limpeza e contenção da radiação. Esse termo está ligado a questão de “liquidar Chernobyl” ou “acabar com o problema”. Os liquidadores eram: engenheiros, reservistas, militares das forças armadas, bombeiros, civis, mineiros, trabalhadores de construção, médicos e policiais. Essas pessoas fizeram parte de uma operação gigantesca que envolvia a limpeza na zona de exclusão, caça aos animais contaminados, construção de um túnel embaixo do reator avariado para instalação do sistema de refrigeração, fiscalização dos limites, construção do sarcófago entre outras funções. Uma estimativa do contingente de pessoas foi de seiscentas mil, todas contaminadas de alguma forma sofrendo os efeitos até os dias de hoje (SUGUIMOTO&CASTILHO, 2014, p. 324).

Em entrevista para os jornalistas Miranda e Altino<sup>8</sup> (2016), do jornal O Globo, Svetlana conta de onde surgiu o gosto pela literatura que escreve.

Fui criada num aldeia na Bielorrússia em que só viviam mulheres, porque após a guerra não sobreviveram homens. Me lembro de ouvir nas ruas as conversas daquelas mulheres, elas contavam como haviam se despedido de seus maridos. Isso era muito forte e me marcou pelo resto da vida (MIRANDA&ALTINO, online, 2016).

Svetlana ainda diz que seu método para conseguir os relatos não é igual a uma entrevista feita para um jornal, o qual julga serem fontes de informações banais e superficiais. “Seu método, explicou, é buscar ouvir verdadeiramente as pessoas” (MIRANDA&ALTINO, online, 2016). No livro “Vozes de Tchernóbil”, um dos responsáveis pelo prêmio Nobel da literatura conquistado no ano de 2015 por Svetlana, os relatos e a dor dos personagens são o que fazem da obra uma de suas mais célebres. A autora ainda conta de onde veio o estopim para o começo de sua escrita. Diz que ouviu relatos de um taxista sobre como os pássaros estavam desorientados e se jogavam contra o vidro dos carros e de como as folhas das árvores foram queimadas pela explosão. “Eu queria ver aquele tipo de desastre novo. [...] A Humanidade não estava pronta para o que aconteceu” (MIRANDA&ALTINO, online, 2016).

Ao anunciar Svetlana como vencedora do Nobel de literatura, Sara Danius, secretária permanente da Academia Sueca, qualificou o conjunto de obras de Svetlana como “escritos polifônicos<sup>9</sup>, “Um monumento ao sofrimento e à coragem em nosso tempo”. Até então a autora era pouco conhecida fora de seu país. Pereira (2016)<sup>10</sup>, crítico do jornal Folha de São Paulo, ao resenhar a obra “Vozes de Tchernóbil” comenta uma característica presente em toda obra da autora. “Sua matéria-prima não são simplesmente ‘os excluídos’. São os esquecidos, e nesses esquecidos cabe todo tipo de gente” (PEREIRA, online, 2016).

## 1.2 Obra

---

<sup>8</sup> MIRANDA&ALTINO. **Svetlana Aleksievitch: "A Humanidade não estava pronta"**; Escritora bielorrusa emociona plateia com relato avassalador sobre Tchernóbil. Julho, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/svetlana-aleksievitch-humanidade-nao-estava-pronta-19634832#ixzz50PdzKhDw>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

<sup>9</sup> *Polifonia*: O conceito refere-se à simultaneidade de sons diferentes que formam uma harmonia. No que se refere à polifonia de Svetlana significa o fato de seus livros possuírem várias *vozes* que contam a história além da própria autora. CONCEITO.DE. **Conceito de Polifonia**. Disponível em <<https://conceito.de/polifonia>> Acesso em: 05 de dez. 2017.

<sup>10</sup> PEREIRA JR., Álvaro. **Avassaladora, Svetlana Aleksievitch não cai no jornalismo militante**. Abr. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1763787-avassaladora-svetlana-aleksievitch-nao-cai-no-jornalismo-militante.shtml>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

“Vozes de Tchérnobil – A história oral do desastre nuclear” foi lançado e publicado em russo originalmente em 1997, depois de quase 20 anos de pesquisa de sua autora, a qual conversou com mais de 500 entrevistados<sup>11</sup>. Entre os entrevistados estão médicos, físicos, políticos e a “chave de ouro” de sua pesquisa, as pessoas que enfrentaram o desastre de perto, bem como bombeiros, liquidadores e camponeses. Sarapicos (2016) sucintamente introduz o que o leitor encontrará ao começar a leitura da obra homônima sobre a catástrofe de Chernobyl.

O leitor é reportado a lugares de contaminação do ar, da terra e dos alimentos, onde sobrevive uma sociedade traumatizada, sem confiança nos líderes. Há viúvas a lembrar o último face a face com homens que ficaram a resolver o problema, sem saber que, do cotidiano que esperavam certo, estavam a fluir instantes derradeiros e irreversíveis; relatam pavores e incertezas, num espaço físico e social de solos e de familiares radioativos, por um tempo indeterminado, que não percebem (SARAPICOS, 2016, p. 256).

O livro é dividido em três partes, nas quais constam os relatos dos entrevistados, uma nota histórica, relato introdutório de uma viúva, a visão da própria autora para com a obra o Epílogo e o apêndice. O livro é devidamente dividido e ao mesmo tempo é um emaranhado de histórias.

## **2 A Entrevista: Produção de “Vozes De Tchernóbil” e técnicas utilizadas**

Lage (2001) conceitua a “entrevista” em seu livro “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística”, que nos possibilita uma compreensão básica de como funciona o processo da entrevista e das técnicas utilizadas pelos repórteres para coletar tais depoimentos.

A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. A palavra entrevista é ambígua. Ela significa: a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; c) a matéria publicada com informações colhidas em (b) (LAGE, 2001).

---

<sup>11</sup> Tópico no presente trabalho sobre as técnicas de entrevista utilizadas pela autora em “2 A Entrevista” e sobre seus entrevistados em “3 Os Entrevistados”.

“Vozes de Tchernóbil” foi produzida essencialmente por entrevistas. Lage (2001) compreende quatro tipos de entrevistas: a) ritual; b) temática; c) testemunhal; d) em profundidade. Em análise, é possível perceber a presença de dois desses tipos utilizados por Aleksiévitich: a entrevista *testemunhal* e a entrevista *em profundidade*. A primeira “trata-se de um relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu” (LAGE, p.75), ou seja, dá espaço para o entrevistado contar suas próprias interpretações sobre um episódio vivido e o que ele sabe sobre o assunto, usando de informações coletadas direta ou indiretamente. Na segunda “Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões” (LAGE, p. 75), o entrevistador não se preocupa com um assunto em questão, mas no personagem que o conta. Em “Vozes de Tchernóbil” a autora consegue fazer um paralelo entre as duas técnicas ao fazer com que seus entrevistados contem sobre seu envolvimento com Chernobyl, mas também se deixem levar e relatem suas vidas, contem sobre outras pessoas que conheceram, e suas perspectivas sobre o acontecimento.

Para chegar a cada entrevistado, Svetlana precisou pesquisar, investigar e entender todo o cenário da catástrofe em que foram envolvidos. No jornalismo, mesmo que literário, há uma necessidade de apuração de dados e de pesquisa. Belo (2006) explica a necessidade da apuração na produção de um livro-reportagem como o de nossa autora.

Um texto brilhante não sobrevive a uma apuração mal feita. No livro, em que a exigência de qualidade cresce, o trabalho tem que ser redobrado. O caráter documental e o volume de informações necessário exigem um compromisso muito grande com a exatidão e com a compreensão dos dados recolhidos. [...] Não é preciso saber os mínimos detalhes, mas compreender o assunto de ponta a ponta (BELO, 2006, p. 86).

Segundo Lage (2008), a reportagem investigativa – que também foi parte essencial para a produção de “*Vozes*”, se concebe em seis passos indispensáveis. Ao ler a obra de Svetlana e suas entrevistas<sup>12</sup> cada um desses itens é perceptível.

A concepção de uma reportagem investigativa pode decorrer de várias experiências: pequenos fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, notícias novas [...], ou a observação direta da realidade. O segundo passo é o estudo da viabilidade, se há recursos e tempo [...]. O terceiro passo, familiarizar-se com o assunto [...]. O quarto passo, desenvolver um plano de ação, incluindo custos, métodos de arquivamento e cruzamento de informações etc. O quinto passo é realizar o

---

<sup>12</sup> A análise de parte das entrevistas consta no presente artigo no tópico três, “Os Entrevistados”.

plano, ouvindo fontes [...]. O sexto passo, reavaliar o material apurado e preencher os vazios de informação (LAGE, 2008, p. 139).

O vazio de informação, comentado por Lage, foi preenchido por Svetlana pelo uso do jornalismo literário, com a forma humanitária de descrever os fatos através dos relatos. Ou seja, mesmo que a vontade de entender toda catástrofe e obter informações sobre a mesma não seja sanada, o leitor contenta-se com o lirismo do livro, a emoção dos relatos preenche esse “vazio”. Ademais, o leitor pode até não perceber tal escassez de objetividade na informação.

Svetlana usa das técnicas de entrevista populares para qualquer jornalista que passa pela faculdade – ou pela experiência obtida com os anos. Mas utiliza-as de forma peculiar e única. Silva (2003) em “Tecnologias do Imaginário” estabelece a ideia de que a técnica jornalística é um dos grandes problemas do jornalismo.

O jornalismo, portanto, impõe-se pela afirmação de técnicas que cristalizam um imaginário, o imaginário jornalístico tecnicamente dominante, sedimentado na mente dos jornalistas, tornando crença, valor, introjeção e bússola. [...] O bom jornalista, hoje, é aquele que, sem vigilância do padrão, sabe privilegiar a indústria cultural em detrimento de produções autônomas e fora do padrão. Enfim, aquele que sabe “o que pode render”. Qual a saída? Compreender a técnica, evitar o fascínio pelo discurso técnico [...], ter consciência das mitologias da profissão e reinventar a primazia do conteúdo, valorizando o paradoxal, o contraditório, o irônico, a crítica, a ironia crítica e o dissenso (SILVA, 2003, p. 109).

Desta forma, um bom jornalista seria aquele que consegue utilizar mais do que somente a técnica – ao passo que a entende, e (re)cria novas formas de passar a informação.

### **3 Os Entrevistados: Esquecidos e Excluídos pelos dados da catástrofe de Chernobyl**

Vozes de Tchérnobil foi produzida por várias pessoas, não somente por sua escritora. Ao relatar suas histórias, os entrevistados dão vida ao livro – mesmo narrando em vários momentos a morte, a destruição e o medo ocasionados pela noite de 26 de abril de 1986.

Em um dos primeiros monólogos do livro é apresentado o relato de Zanaída Ievdokímovna Kovaliénka, uma das residentes da zona proibida de Chernobyl. Ela começa seu depoimento contando como vive há sete anos sozinha, esperando pela morte.

No início eu esperei, achava que as pessoas regressariam. Que ninguém iria embora para sempre, que sairiam por um tempo. Hoje eu só espero a morte.

Morrer não é difícil, mas dá medo. Não há mais igreja e o padre não vem por aqui” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 58).

Zanaída se emociona em várias partes de seu relato, Svetlana faz questão de colocar esse aspecto para o leitor e deixa para ele a missão difícil de não se comover com essa história.

Uma das coisas questionáveis e que pouco constam nos relatórios científicos é o que aconteceu com os animais de estimação de Chernobyl. Zanaída, que observou o episódio de perto, relata o que viu acontecer com vários animais de estimação deixados para morrer, pela fome, sede e pelo inimigo invisível: a radiação.

Eu me lembro de tudo. As pessoas foram embora, mas os gatos e cachorros ficaram. Nos primeiros dias eu levava leite para todos e dava um pedaço de pão aos cachorros. Eles haviam se postado na frente das casas e esperavam os donos. Esperaram durante muito tempo [...] Eles corriam famélicos por ali até morrerem; os gatos tinham tanta fome que comiam suas crias, no verão não comiam, mas no inverno sim (ALÉKSIÉVITCH, 2016, p. 63).

Atualmente, segundo o site americano “UpWorthy”, ainda existem cachorros e gatos que vagam por Chernobyl, e há ONG’S de proteção aos animais tentando salvá-los e retirá-los do abandono<sup>13</sup>. Há um aspecto importante que deve ser levado em consideração ao ler a obra. Muito tempo se passou desde que essas pessoas viveram, portanto, pode haver “fatos” sobre a catástrofe que se modificaram desde então. Para uma maior compreensão dos fatos acerca de Chernobyl, principalmente quando se trata do atual, é necessária consulta a materiais jornalísticos e científicos. A obra de Svetlana aproxima o leitor da realidade das pessoas que viveram na época do desastre.

Ademais, relatos emocionantes e chocantes são o que revestem a obra. Nadiéjda Afanássievna Burokovna, também habitante de um dos povoados próximos a Chernobyl, ao relatar os anos que vive sob a radiação, conta como se sente acostumada ao falar tantas vezes sobre seu sofrimento aos repórteres. “Não tenho vergonha, pode perguntar. Já escreveram tanto sobre nós, já estamos acostumados. Uma vez mandaram um jornal autografado. Mas eu não leio o que escrevem. Quem nos entende? Por isso temos que viver aqui” (ALEKSIÉVITCH, p. 290).

A história de Nadiéjda e de tantas outras vítimas pode ter sido relatada centenas de

---

<sup>13</sup> GAINES, James. **14 photos show the abandoned pets of Chernobyl and the humans who want to save them.** Disponível em: <<https://www.upworthy.com/14-photos-show-the-abandoned-pets-of-chernobyl-and-the-humans-who-want-to-save-them?c=tpstream>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

vezes, mas não pelas suas próprias vozes. O espaço que Svetlana (jornalista como os outros tantos que já entrevistaram Nadiéjda) deixa para falarem livremente é o que traz a sinceridade, humaniza o relato, faz com que o leitor compreenda a dor sentida diariamente por eles.

Também escrito por Svetlana é o último momento da fala de Nadiéjda, que grita de revolta, “(Explode) Mas o que vocês sabem de Tchernóbil? O que podem escrever? Desculpe (Cala-se). Como anotar a minha alma? Se tantas vezes nem eu mesma sei o que ela diz” (ALEKSIÉVITCH, p. 292).

Entre tantas outras histórias comoventes estão relatos de especialistas, psicólogos, doutores em agronomia, doutores em engenharia, pais de família, ex-soldados, viúvas e vários outros. Cada perspectiva serve para incrementar a obra. Cada choro do entrevistado registrado por Svetlana ao contar sua história marca o leitor, e marca de forma ainda mais dolorosa a história do país e do mundo. A catástrofe de Chernobyl não apenas matou, mas manchou e arruinou a vida e a juventude de todos que lá residiam. É importante não tirar esse poder deles, Svetlana não compra as memórias dos entrevistados para si, ela dá nomes a eles e os tira das estatísticas do anonimato.

#### **4 Considerações Finais**

Na presente pesquisa foram analisados os pontos relevantes para a compreensão dos registros de memórias presentes no livro “Vozes de Tchernóbil” da autora bielorrussa Svetlana Aleksiévitich. Compreendeu-se seu aspecto de entrevista, bem como o que diferencia “Vozes de Tchernóbil” de outras reportagens jornalísticas.

Por meio da pesquisa bibliográfica foi possível entender o que compõe um livro de jornalismo literário, ou livro-reportagem e a investigação necessária para coletar todos os dados e conseguir entrevistas relevantes para a obra. O problema de pesquisa que envolvia a escassez de registros das vítimas de Chernobyl é compreendido. Contrariando a hipótese introdutória, existem várias reportagens, notícias com o registro das vítimas. Incontáveis jornalistas já entrevistaram muitas das vítimas que constam no livro, mas não da forma como Svetlana apresenta. Os jornalistas que anteriormente foram até Chernobyl compravam as histórias para si, os relatos deixavam de ser das vítimas. Ou seja, compreende-se que a problemática não é cabível neste momento, mas que a forma com que Aleksiévitich reproduz essas histórias é mais humana e aproxima o leitor ao caótico cenário de Chernobyl.

A motivação pessoal e a curiosidade pelo tema não foram sanados, mas muita coisa foi revelada. A autora consegue suprir as expectativas do leitor sedento por saber mais sobre

Chernobyl. Os objetivos foram alcançados, conseguiu-se entender a relevância do jornalismo literário para a obra e para a história. Sem esse tipo de investigação, os nomes, até então anônimos, das pessoas que passaram pelo acidente, direta o indiretamente, poderiam jamais terem sido relevados, seriam apenas números, pessoas esquecidas e encobertas por Chernobyl.

Constata-se que a investigação de Svetlana pode já ter acabado, mas a pesquisa sobre essas vítimas, a análise de seus depoimentos e a situação atual de Chernobyl devem continuar sendo pauta de jornalistas do mundo todo. É imprescindível que se investigue mais, que Chernobyl e suas vítimas não sejam lembradas apenas uma vez por ano, porque ainda há pessoas que sofrem pela radiação, elas também não devem ser esquecidas. O presente artigo pode ter continuidade em outra pesquisa relacionada à atualidade do jornalismo relacionado à Chernobyl e as colaborações de Svetlana para criar-se um novo olhar acima da realidade do acidente e das pessoas envolvidas.

## REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. (1997). **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. Trad. do russo, Sonia Branco. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Letras. 2016, p. 383.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 139.

CASTILHO, Maria Augusta de; SUGUIMOTO, Djmes Yoshikazu de Lima. Chernobyl - a catástrofe. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações**. v. 12, n. 2, p. 316-322, ago./dez. 2014.

FIGES, Orlando. **A Nova história de Svetlana Aleksievitch**. Edição 122. Nov. 2016. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-historia-de-svetlana-aleksievitch/>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

GAINES, James. **14 photos show the abandoned pets of Chernobyl and the humans who want to save them**. Disponível em: <<https://www.upworthy.com/14-photos-show-the-abandoned-pets-of-chernobyl-and-the-humans-who-want-to-save-them?c=tpstream>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

GREENPEACE. **Vítimas de Chernobyl**. Março, 2011. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/vtimas-de-chernobyl/blog/33819/>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

LAGE, Nilson. (2001). **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 189.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Ano VI - n. 1 p. 71 - 83 jan./jun. 2009.

MIRANDA, André; ALTINO, Lucas. **Svetlana Aleksievitch: "A Humanidade não estava pronta"**; Escritora bielorrusa emociona plateia com relato avassalador sobre Tchernóbil. Julho, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/svetlana-aleksievitch-humanidade-nao-estava-pronta-19634832#ixzz50PdZKhDw>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 142.

PEREIRA JR., Álvaro. Avassaladora, Svetlana Aleksievitch não cai no jornalismo militante. Abr. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1763787-avassaladora-svetlana-aleksievitch-nao-cai-no-jornalismo-militante.shtml>>. Acesso em: 05 de dez. 2017.

SARAPICOS, Rui. Svetlana Alexievich, Vozes de Chernobyl: história de um desastre nuclear. **Configurações: Revista de Sociologia**. vol. 17, 2016, pp. 255-258.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias Do Imaginário**. 2ª ed. Sulina. 2003. p. 111.